

41º Encontro Anual da Anpocs

GT11

Entre as Ruas e os Gabinetes: institucionalização e contestação nos movimentos sociais

Mídias sociais e polarização política: a repercussão da PEC 55 no Twitter e no Facebook

Maria Alice Silveira Ferreira¹

Neylson Crepalde²

¹ Doutoranda em Ciência Política pela Universidade Federal de Minas Gerais (m.alicesilveira@gmail.com)

² Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (neylsoncrepalde@gmail.com)

RESUMO

Este trabalho tem como principal objetivo apresentar dados iniciais sobre a repercussão da tramitação final do Projeto de Emenda Constitucional 55 (PEC 55) em páginas do Facebook e no Twitter. Inicialmente, foi feita uma discussão da literatura sobre linguagem, mídias sociais e ativismo. Logo depois, foi feita uma contextualização sobre a polarização política no Brasil atual e o caso da aprovação da PEC 55 no final do ano passado. Por fim, apresentamos dados coletados do Twitter e Facebook entre os dias 25 de outubro a 15 de novembro de 2016 – período entre a aprovação da PEC (ainda 241) na Câmara dos Deputados e sua aprovação final no Senado Federal. A coleta de dados foi feita de acordo com as particularidades de cada mídia social. No Twitter, ela foi feita a partir da busca de tweets com a hashtag #PEC55. Já no Facebook, a coleta foi feita a partir da escolha de seis páginas de grupos políticos, coletivos e movimentos que representam tanto posicionamento político à esquerda quanto à direita. Os dados mostram que a maioria dos tweets coletados indicavam ser contrários a PEC. Além disso, os perfis mais retuitados durante esse período foram de grupos ou pessoas alinhados à esquerda. No Facebook, as páginas de direita pareceram ignorar o assunto, ao passo que as páginas de esquerda falavam constantemente sobre a PEC e assuntos relacionados à temática.

1. Introdução

O Brasil tem vivido um intenso período de polarização política. Desde as manifestações de junho 2013, o país tem passado por diversos acontecimentos políticos que tem dividido opiniões e pensamentos dos brasileiros. O ano de 2016 foi um ano bastante conturbado, que se iniciou já com um processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff em andamento e inúmeras manifestações a favor e contra o impedimento da presidenta.

A saída definitiva de Dilma Rousseff ocorreu em agosto de 2016. O vice-presidente, Michel Temer, assumiu o cargo da presidência da República. Uma das primeiras ações do governo de Temer foi uma Proposta de Emenda Constitucional com o objetivo de criar um teto de gastos públicos para os próximos 20 anos: a chamada PEC 241 e, posteriormente, a PEC 55. A medida foi bastante polêmica. De um lado, grupos apoiavam a iniciativa por entenderem que era uma forma de contornar a crise econômica do país. Por outro lado, o entendimento era que a PEC consistia em uma grande ameaça para os investimentos em saúde e educação, por exemplo.

A PEC foi bastante repercutida nas mídias tradicionais e também nas mídias sociais. E é dentro deste contexto que insere este trabalho. Propomos aqui fazer uma análise da repercussão da PEC no Twitter e no Facebook durante o processo de tramitação final. Para isso, coletamos dados de seis páginas no Facebook. Três delas com direcionamento político à

direita: “Movimento Brasil Livre”, “Vem pra Rua” e “Endireita Brasil”. E três delas com direcionamentos político à esquerda: “Mídia Ninja”, “Jornalistas Livres” e “UNE”. O objetivo foi verificar como grupos com alinhamentos políticos diferentes abordaram a temática no contexto polarizado.

O interesse por realizar esse estudo se justifica porque, nos dias de hoje, as discussões políticas têm se passado, muitas vezes, pela internet e, na maioria das vezes pelas mídias sociais, tais como Facebook, Twitter, Whatsapp entre outras. Debates acalorados com opiniões políticas divergentes, convocações, organização e mobilização para realização de ações de protestos em todo mundo são algumas das ações que vêm sendo realizadas por meio das redes digitais. Essas formas de ação, por sua vez, têm se tornado cada vez mais comuns no dia a dia de quem utiliza essas plataformas.

Inicialmente, faremos uma breve discussão sobre a linguagem e luta política. Para isso, trabalharemos a ideia de “linguagem do confronto” elaborada no Sidney Tarrow sobre a importância das palavras nos confrontos políticos da história. Dessa forma, tentaremos dialogar como a internet e as mídias sociais podem ampliar esses discursos. Na segunda parte, abordaremos o papel das tecnologias nas lutas políticas contemporâneas e como essas mídias têm reconfigurado as novas formas de ativismos. Depois, faremos uma breve contextualização sobre a PEC 55 e a polarização política vivida nos últimos anos. Por fim, apresentamos os dados coletados e faremos uma análise de como o assunto foi tratado nessas mídias sociais.

2. A linguagem e mídias sociais

A linguagem comunicacional tem um papel fundamental na formação de movimentos sociais e ações coletivas (TRERÉ, 2012; CASTELLS, 2013; COTTLE, 2008). Isso porque os sistemas de comunicação de massa são centrais na luta de redefinição de valores democráticos, sendo capazes de construir significados do processo político global e politizar as populações (DAHLBERG & SIAPERA, 2007). A ação coletiva é, por exemplo, é uma ação comunicacional, uma vez que esse espaço de ação é definido pela interação dos participantes e o engajamento entre eles (BIMBER, STOHL & FLANAGIN, 2005 *apud* TRERÉ, 2012).

Nesse sentido, Sidney Tarrow, em seu livro “The Language of Contention” (2013), Sidney Tarrow destaca a importância histórica dos repertórios de discurso e a sua relação direta com os repertórios de ação coletiva (TILLY, 2008) que grupos desenvolvem para

alcançar seus objetivos. Palavras, segundo Tarrow, importam. E símbolos, mentalidades e narrativas que os atores empregam podem controlar as mudanças no confronto político. Para o autor, movimentos são capazes de transformar os códigos em símbolos, sejam eles novos ou velhos. Esses símbolos são, muitas vezes, representados por frases, palavras, músicas e formas de se vestir. Com eles é possível traduzir um objetivo coletivo, fazendo com que as pessoas se identifiquem com os movimentos.

Tarrow (2013) enumera cinco importantes características sobre a linguagem de confronto. A primeira delas é que as palavras que emergem como símbolos de confronto são raramente inventadas no local. Elas vêm de fontes do discurso comum, de contos populares etc. A segunda é que os significados das palavras mudam, emergem e se difundem a todo tempo. A terceira é que as mudanças na linguagem do confronto são dialógicas. Ela resulta do impulso ou do bloqueio do processo político e do ritmo das mudanças políticas e culturais. A construção da linguagem é feita por meio da interação entre os atores e o contingente de ação. A quarta característica é que, além de ser uma expressão de algo, as palavras podem mobilizar, unir ou dividir um grupo, ou mesmo conquistar um objetivo. Por último, Tarrow coloca que as algumas palavras podem sobreviver e difundir como símbolos do confronto enquanto outras podem desaparecer.

Com relação a essa última característica, Tarrow (2013) afirma que ela está relacionado a dois conceitos: *ressonância simbólica* e *modularidade estratégica*. Por ressonância simbólica o autor entende como o grau em que um determinado termo tem de ter o mesmo conceito cultural em locais diversos. Já a modularidade estratégica diz respeito à capacidade da palavra se adaptar e modificar em diferentes contextos.

Para Tarrow, a mudança e a mobilização de palavras podem ajudar a moldar como os indivíduos agem coletivamente. Isso porque o efeito de palavras usadas em conjunto podem ir além de resultados imediatos e se tornarem parte da cultura do confronto. Segundo ele, é preciso ficar atento ao significado das palavras e as situações estratégicas em que elas se encontram e são empregadas. Nesse sentido, é importante levar em conta também o contexto que essas palavras são empregadas e ficar atentos para novas formas de confronto.

Polletta (2006) também aponta a importância da linguagem e das narrativas na ação coletiva. Para a autora, elas ajudam a sustentar os grupos a lutarem por reformas, construir novas identidades coletivas e relacionar ações correntes com atos heroicos do passado e projetos de futuro. Mesmo antes de um movimento emergir, histórias e símbolos circulam dentro das comunidades, formando um contraponto aos opositores. As narrativas, segundo

Polletta, ajudam a identificar as condições estruturais em que a cultura pode ter força na definição de novos interesses e identidades.

Para Tarrow (2013), as palavras são capazes de empoderar o confronto, emergindo de uma variedade de fontes como em conversas do dia a dia, contos populares e música. Ainda que Tarrow não fale sobre como a internet pode mudar a linguagem do confronto (embora reconheça que é uma questão a ser aprofundada), entendemos aqui que a difusão da internet e das mídias sociais, faz desses espaços local de criação, modulação e ampliação de repertórios discursivos.

Ao facilitar o processo de envio e ampliação da mensagem, as tecnologias têm se tornado grandes aliadas para a linguagem do confronto. Os manifestantes interagem e se articulam por meio de mensagens e imagens nas plataformas e mídias sociais. Daí a importância de se entender a performance e a narrativa do confronto. As palavras refletem o contexto das mudanças sociais e políticas. Com as mídias sociais, mudanças ocorrem quase que instantaneamente e em grande volume. Todos os dias aparecem novos memes, falas, gírias que se viralizam rapidamente. Os símbolos e narrativas que os atores empregam podem trazer mudanças no confronto político (TARROW, 2013). A luta política não passa só pela luta nas ruas, mas por uma disputa de significados entre os estados e os grupos políticos que tem se passado em grande parte, pelas mídias sociais (TARROW, 2009; FERREIRA, 2015). A da internet, por sua vez, tem se caracterizado por uma linguagem da viralidade e explosão, se tornando um estereótipo das discussões na rede (SAMPSON, 2012 *apud* GERBAUDO, 2016).

3. Ativismo e mídias sociais

Parte da literatura que aborda os impactos da internet na vida política têm se voltado para entender as ações de ativistas e movimentos sociais e suas novas configurações dentro do contexto de uso intenso de plataformas e mídias sociais (PEREIRA, 2008; PEREIRA, 2011; EARL & KIMPORT, 2011; BENNETT & TOFT, 2010; MALINI & ANTOUN, 2013; BENNETT & SEGERBERG, 2013; MILAN, 2015). Nos últimos anos, com a ampliação do acesso à internet e, principalmente, o aumento de usuários nas mídias sociais, a internet tem se tornado um importante espaço de ferramenta e luta política da atualidade, sendo capaz de alterar as dinâmicas dessas ações (CASTELLS, 2013).

As ações políticas na internet são variadas. O ativismo digital, também conhecido como ciberprotestos, ciberativismo ou web ativismos, pode englobar vários tipos de ações, desde assinatura de abaixo assinados eletrônicos, compartilhamento de informações, discussões em blogs, sites e mídias sociais até o surgimento de ações táticas no espaço on-line, como o hacktivismo (SAVAZONI, MACHADO & SILVEIRA, 2012). As formas de ações do ativismo digital, muitas vezes, podem gerar mudanças nas ações políticas offline (FERREIRA, 2015; BENNETT & SEGERBERG, 2013; PEREIRA, 2014).

Para Earl e Kimport (2011), a internet e as tecnologias têm permitido conduzir a ação coletiva com baixo custo e em uma escala maior e mais rápida, aumentando a difusão de ideias e o alcance da ação. A rapidez e a facilidade com que as formas de engajamento político têm se desdobrado na internet, obtendo, muitas vezes sucesso, sugere que o ativismo digital potencializa a ação coletiva (EARL & KIMPORT, 2011). As mídias sociais têm se tornado curadores dos discursos públicos, alterando práticas, discursos e dinâmicas da luta política (MILAN, 2015).

Autores como Bennett e Segerberg (2013) e Milan (2015) têm feito esforços em tentar entender como as tecnologias têm modificado e moldado as formas de ação coletiva, elaborando conceitos como *ação conectiva* e *protesto em nuvem*, respectivamente. Os autores reconhecem que a internet e as mídias sociais têm trazidos novas configurações na ação política. Uma característica importante apontada pelos autores é uma maior personalização das lutas políticas (MENDONÇA, 2017; BENNETT & SEGERBERG, 2013 e MILAN, 2015). Ou seja, cada vez mais, as pessoas são capazes de expressar esperanças, estilos de vidas e queixas. As tecnologias, por sua vez, são capazes de unir indivíduos e suas queixas que se encontram isolados (BENNETT & SEGERBERG, 2013).

Nas mídias sociais, como Facebook e Twitter, é comum vermos campanhas em favor de alguma causa, contra alguma legislação ou decisão do governo e convocações para protestos face a face. Os tuitaços, por exemplo, são ações em torno de alguma temática, como foi o caso da campanha #meuprimeiroassedio³, com objetivo de chamar atenção da opinião pública sobre um determinado assunto.

Em recente trabalho, Paolo Gerbaudo (2016a) fala sobre as *vanguardas digitais e multidões* nas mídias sociais. Para o autor, vanguardas digitais são “estruturas de lideranças coletivas e informais que moldam o papel da direção da ação coletiva por meio do uso da

³ Sobre a campanha “Meu primeiro assédio”, disponível em: http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/tecnologia/2015/10/22/interna_tecnologia.503498/na-primeiroassedio-mulheres-compartilham-experiencias-com-assedio.shtml. Acesso em 23 de set de 2017.

comunicação digital” (GERBAUDO, 2016a, p.02 – tradução nossa). Essas vanguardas são compostas por equipes de mídias sociais – pessoas que gerenciam essas contas de mídias sociais, como o Twitter e o Facebook. Eles publicam, criam conteúdos, agendam e editam mensagens no Facebook e Twitter, além de interagir com os usuários, que são as multidões. A relação entre as vanguardas e a multidão se retroalimenta. Para Gerbaudo (2016b) a comunicação motivacional produzida pelos administradores de contas teria tido pouco efeito não fosse a receptividade e cooperação desses usuários.

Ainda que se reconheça os potenciais das novas tecnologias e mídias sociais nas lutas políticas da atualidade, vale a pena destacar a necessidade de entender essas ações a partir de um olhar sociotécnico (MILAN, 2015; TRERÉ, 2016). Isso porque, de acordo com Treré as ações políticas estão cada vez mais moldadas por processos algorítmicos. Para Milan (2015), os algoritmos têm um papel importante que sustentam as mídias sociais em formar dimensões simbólicas de dissidência, especialmente identidades e narrativas coletivas. A autora destaca que as ações criadas na rede devem levar em conta a política dessas plataformas, considerando suas estratégias, dinâmicas e economias específicas. Nesse sentido, as affordances são centrais para ações digitalmente mediadas. Affordance diz respeito ao tipo ou característica de uma ação que a internet possibilita pelo seu formato (EARL e KIMPORT, 2011). Dessa forma, cada mídia social possui affordances específicas que podem colocar restrições ou oportunidades na produção simbólica e organizacional da ação política (MILAN, 2015). Os resultados das ações, por sua vez, são frutos das interações dessas affordances e seus usuários (HANSEN & FERREIRA, 2017).

4. A polarização política no Brasil e a PEC 55

Como foi dito, desde 2013 o Brasil tem vivido um intenso período de debate e polarização política (SANTIAGO, VON BÜLOW, DIAS & GOMES, 2017; AVRITZER, 2017; MENDONÇA, 2017). Os últimos anos foram marcados por inúmeros protestos que tem levado diferentes grupos às ruas com uma demanda diversa de pautas. O ano de 2015 e 2016 foi marcado por intensas manifestações de caráter conservador que ganharam um maior destaque na opinião pública na luta pelo impeachment de Dilma Rousseff e o fim da corrupção⁴. Por outro lado, grupos contrários ao impeachment da presidenta também se

⁴ Uma das pautas dos protestos era o fim da corrupção. Os manifestantes, em geral, defendiam as investigações da operação Lava Jato, que envolviam nomes de importantes políticos brasileiros. O operação ganhou bastante visibilidade na opinião pública brasileira nos últimos anos.

articularam e organizaram protestos. Essa polarização ocorreu concomitantemente nas mídias sociais. E, apesar do impeachment de Dilma Rousseff, ocorrido em agosto de 2016, o debate político polarizado continuou nas mídias sociais.

Para além da organização e chamadas dos protestos, grupos e movimentos tem tido um importante papel na formação da opinião pública nas mídias digitais. Grupos políticos à direita como “Movimento Brasil Livre” (MBL), “Vem pra Rua” e “Endireita Brasil”, por exemplo, buscam disseminar conteúdos mais conservadores, enquanto grupos à esquerda como “Jornalistas Livres”, “UNE” e “Mídia Ninja” buscam colocar no debate pautas progressistas como avanços e ameaças aos direitos sociais, por exemplo.

Dessa forma, a PEC 55 foi um projeto polêmico que, mais uma vez, mobilizou grupos na opinião pública brasileira, principalmente nas mídias sociais. A Proposta de Emenda Constitucional foi umas das primeiras ações criadas no governo do presidente Michel Temer, que assumiu o cargo após a saída de Dilma Rousseff. A chamada PEC 55 (anteriormente conhecida como PEC 241) foi um projeto de emenda constitucional que tinha como objetivo criar um teto de gastos do governo federal. O argumento do governo era que seria necessário diminuir a trajetória de crescimento de gastos públicos com objetivo de frear as contas públicas. A proposta consistia na limitação dos gastos públicos nos próximos 20 anos e os valores dos gastos seriam corrigidos apenas pela inflação⁵.

Essa proposta, porém, foi bastante polêmica e criou um grande debate na opinião pública sobre a real necessidade de tal medida e quais as consequências que ela poderia trazer para a sociedade, principalmente nos impactos das políticas públicas. Grupos políticos à direita e a grande mídia, construíram um discurso a favor da PEC⁶, argumentando que a medida seria fundamental para que o governo pudesse colocar suas contas em dia. Porém, outra parte da população, representada muitas vezes por movimentos sociais e coletivos à esquerda, viam a proposta como uma medida de austeridade dura, com consequências drásticas principalmente nas áreas de saúde e de educação.

Inúmeros protestos foram organizados contra a PEC 55. Movimentos sociais, coletivos e ativistas reuniram em várias cidades do país protestando contra a política do governo Temer. Também intensificaram em todo o país o número de escolas secundaristas e

⁵ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/10/politica/1476125574_221053.html. Acesso em 26 de set de 2017.

⁶ Exemplos do apoio a PEC disponível em: <https://www.facebook.com/mblivre/videos/472486239542191/>. Acesso em 26 de set de 2017.

universidades ocupadas por estudantes em protestos ao projeto⁷. Nas redes sociais, houve um intenso e polarizado debate sobre a PEC. De um lado, um grande grupo na rede convocava para manifestações contra a PEC, rodas de conversas e grupos de apoio às ocupações. Muitos ativistas denominaram a proposta como “PEC do Fim do Mundo” ou “Pec do Fim do Mundo”. De outro, um grupo apoiava à PEC, criando eventos e compartilhando informações em favor da favor da proposta.

5. Metodologia e análise dos dados

Para os fins de nossa análise, utilizaremos uma estratégia comum ao que hoje convencionou-se chamar de *big data*. Falamos de Big data quando dizemos respeito a uma grande quantidade de dados gerados por dispositivos e ferramentas digitais (LACZKO e RANGO, 2014). Ele também pode ser entendido como tarefas ligadas à informação onde as decisões dos indivíduos são tomadas com auxílio de softwares específicos (CUKIER e MAYERSCHOENBERGER, 2013 *apud* MILAN e VAN DER VELDEN, 2016).

Coté, Gerbaudo e Pybus (2016) reconhecem que o Big Data não têm precedentes na velocidade, escopo e escala de sua computação e produção de conhecimento. Os autores ainda chamam atenção para o caráter político do Big Data, seja ele entendido como locais de lutas sobre significados e interpretações de experiências vividas; na forma de produção e distribuição de consumo, ou mesmo como a política contemporânea tem sido reformulada com a construção de novas estratégias de campanha eleitoral, por exemplo, e vigilância do estado.

No entanto, de acordo com Treré (2016b) o volume de dados criado nos últimos anos tem sido visto com grande entusiasmo e de forma pouco crítica. Para o autor, é preciso entender as consequências dessa mudança computacional, levando em conta os aspectos epistemológicos, ontológicos e éticos. Coté, Gerbaudo e Pybus (2016) corroboram com essa ideia ao citar o argumento de Pasquale (2015) de que as coletas de dados são realizadas em caixas pretas de algoritmos, controlados por empresas privadas e não reguladas. “Os dados sempre são curados e deflacionados, cada vez que incorpora valores e preconiza os algoritmos (...) por meio das quais será processado. As informações serão sempre um produto desses processos materiais”. (COTÉ, GERBAUDO e PYBUS, 2016). Dessa forma, é preciso

⁷ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/24/politica/1477327658_698523.html. Acesso em 26 de set de 2017.

levar em conta esses aspectos do big data a fim de que se reconheça os problemas dessa abordagem. De acordo Treré (2016) é fundamental para o pesquisador investigar os erros, limitações na coleta e interpretação desses dados.

5.1 Coleta dos dados

A coleta dos dados foi realizada entre os dias 25 de outubro a 15 de novembro de 2016. Esse período corresponde ao espaço entre a aprovação da PEC (ainda 241) na Câmara dos Deputados e sua aprovação final no Senado Federal. Devido às particularidades de cada plataforma, utilizamos estratégias de coleta distintas para cada uma delas. No Facebook, escolhemos seis páginas de grupos e movimentos sociais e de posicionamentos políticos inclinados à direita e à esquerda para, a partir de suas postagens e comentários nas postagens, rastrear as falas desses grupos específicos sobre a PEC 55. As páginas de direita escolhidas foram “Movimento Brasil Livre”⁸, “Endireita Brasil”⁹ e “Vem pra Rua”¹⁰ e as páginas de esquerda foram “UNE” (União Nacional dos Estudantes)¹¹, “Mídia Ninja”¹² e “Jornalistas Livres”. A escolha dessas páginas se deu porque acredita-se elas são grupos e movimentos representativos do momento político atual polarizado. Dessa forma, as páginas escolhidas foram capazes de pautar diversos assuntos nas mídias sociais e na opinião pública naquele momento. O MBL, Endireita Brasil e Vem pra Rua foram grupos protagonistas dos protestos a favor do impeachment de Dilma Rousseff. Esses movimentos se mostraram inteiramente a favor à aprovação da PEC. Por outro lado, Mídia Ninja e Jornalistas Livres tiveram um papel importante como ativismo de mídia alternativa. Uma vez que a mídia tradicional apoiava a PEC, essas duas páginas divulgavam conteúdos contra o projeto. A UNE, União Nacional dos Estudantes, movimento com 80 anos de existência, teve seu protagonismo nas mídias sociais ao apoiar estudantes que ocuparam as escolas e universidades contra a PEC.

Já os dados provenientes do Twitter exigem uma abordagem e cuidados diferentes dos dados provenientes do Facebook. Esta mídia social baseia-se em textos curtos de até 140 caracteres. Esse tipo de plataforma é conhecido na literatura como microblog (PAK; PAROUBEK, 2010) e é tido como uma grande fonte de dados para raspagem de opinião

⁸ Disponível em: https://www.facebook.com/mblivre/?ref=br_rs Acesso em 26 de set de 2017.

⁹ Disponível em: https://www.facebook.com/endireitabrasil/?ref=br_rs Acesso em 26 de set de 2017.

¹⁰ Disponível em: https://www.facebook.com/VemPraRuaBrasil.org/?ref=br_rs Acesso em 26 de set de 2017.

¹¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/uneoficial/> Acesso em 26 de set de 2017.

¹² Disponível em: https://www.facebook.com/MidiaNINJA/?ref=br_rs. Acesso em 26 de setembro de 2017.

(*opinion mining*) e análise de sentimentos. A coleta dos dados foi feita com a linguagem de programação Python para buscar tweets que mencionaram a hashtag #PEC55.

5.2 Repercussão da PEC 55 no Facebook

Utilizando a ferramenta *Netvizz* (RIEDER, 2013), coletamos todas¹³ as postagens realizadas nas páginas no período citado anteriormente bem como seus respectivos comentários. Todas as análises foram realizadas usando a linguagem R (R CORE TEAM, 2016).

Para análise inicial, a fim de verificar a polarização política, reunimos a nossa análise em dois grandes grupos: grupos políticos à direita: “Movimento Brasil Livre”, “Vem Pra Rua” e “Endireita Brasil” e grupos políticos à esquerda: “Jornalistas Livres”, “UNE” e “Mídia Ninja”. A justificativa por fazer essa junção se deu porque gostaríamos de analisar a repercussão da PEC em grupos que eram totalmente a favor da aprovação (de direita) e grupos totalmente contra (de esquerda). Ao todo, foram coletados 380 postagens e 123.729 comentários nas páginas de direita e 332 postagens e 118.514 comentários nas páginas de esquerda.

Preliminarmente, como análise exploratória, produzimos nuvens de palavras das postagens e comentários das páginas, respectivamente. As nuvens de palavras mostram, de maneira geral, as palavras mais recorrentes nas unidades textuais analisadas. Quanto mais recorrente, maior e mais ao centro a palavra é posicionada. Na figura 1 apresentamos a nuvem de palavras para as páginas de direita (postagens e comentários) e na figura 2 para as páginas de esquerda.

Figura 1 - Nuvens de palavras de páginas de direita - postagens e comentários

¹³ Apenas na página do “Movimento Brasil Livre” não raspamos todos os comentários mas apenas os 200 principais. Isso aconteceu porque a quantidade total de comentários na página do MBL excedia o limite permitido pela API do Facebook naquele momento.



Fonte: Elaboração dos autores

Figura 2 - Nuvens de palavras de páginas de esquerda - postagens e comentários

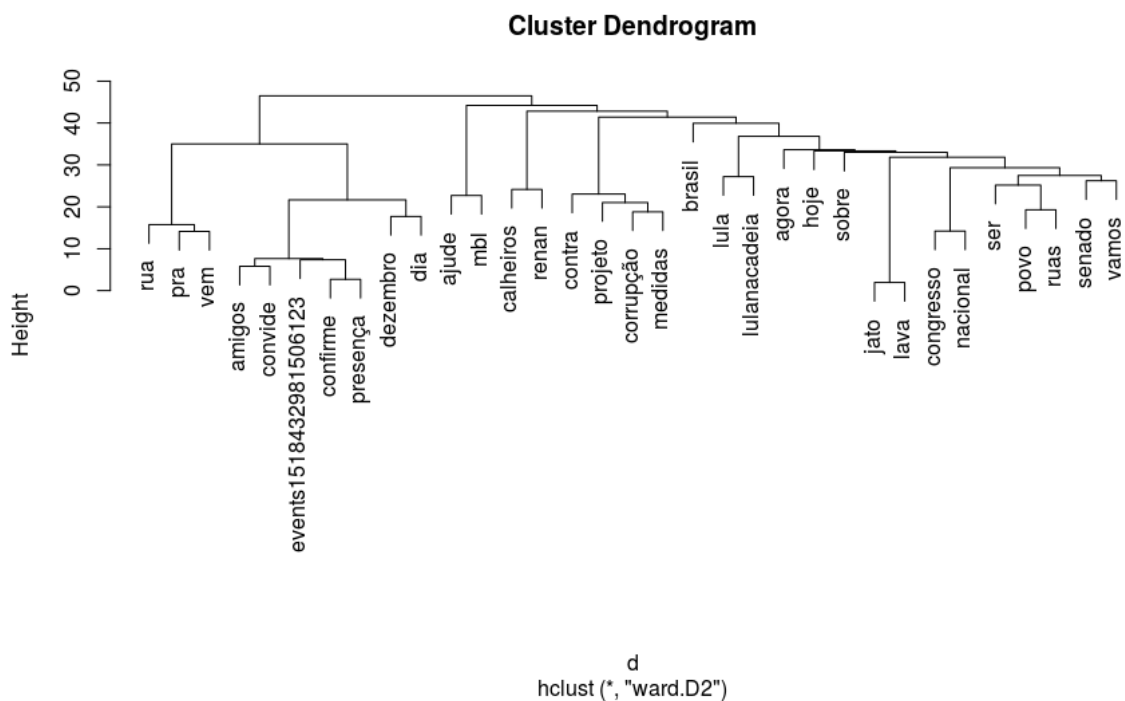


Fonte: Elaboração dos autores

Nesta análise preliminar já é possível perceber algo interessante: as páginas de direita parecem ignorar sistematicamente o assunto da PEC ou outros a ela relacionados, como as ocupações nas escolas e universidades brasileiras que ocorreram no período estudado. Aqui saltam aos olhos palavras relacionadas às “10 medidas contra a corrupção”, ao senador Renan Calheiros e o próprio MBL. As páginas de esquerda, por outro lado, parecem focalizar sua atenção nas ocupações (vide as palavras “campus” e “estudantes”), na PEC e no presidente Michel Temer adotando, no caso dos comentários, uma inclinação negativa (vide as palavras “vagabundo(s)”, “foratemer” e “golpista”).

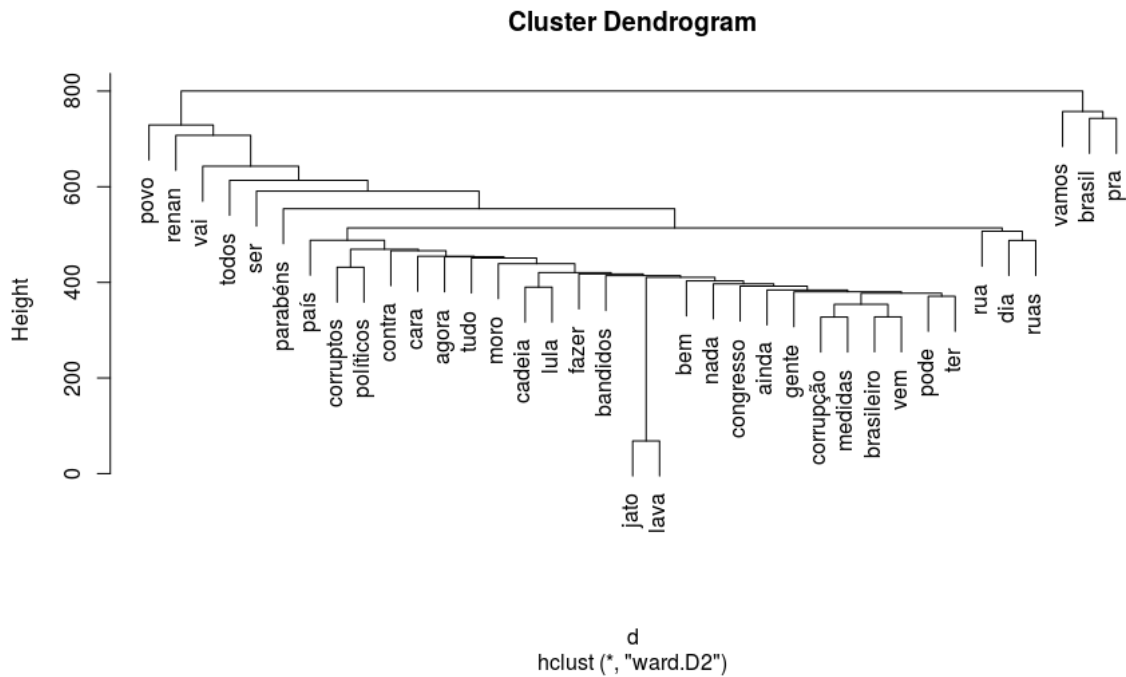
Os mesmos dados podem também ser investigados através da clusterização hierárquica. Este método nos permite verificar co-ocorrências de palavras nas unidades textuais analisadas de pode-se inferir a emergência de assuntos mais específicos. Nas figuras 3 e 4, apresentamos os dendogramas gerados a partir da análise das postagens e comentários de direita e nas figuras 5 e 6, os dendogramas gerados a partir das postagens e comentários de esquerda.

Figura 3 - Clusterização hierárquica de postagens de páginas de direita



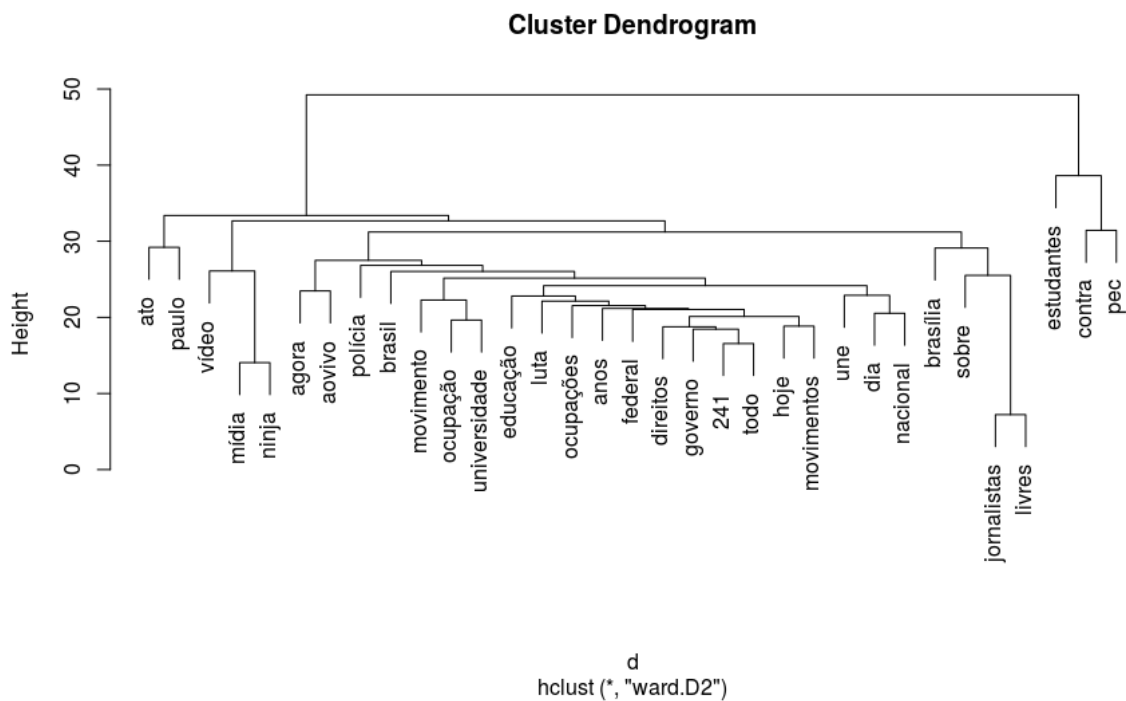
Fonte: Elaboração dos autores

Figura 4 - Clusterização hierárquica de comentários nas postagens de páginas de direita



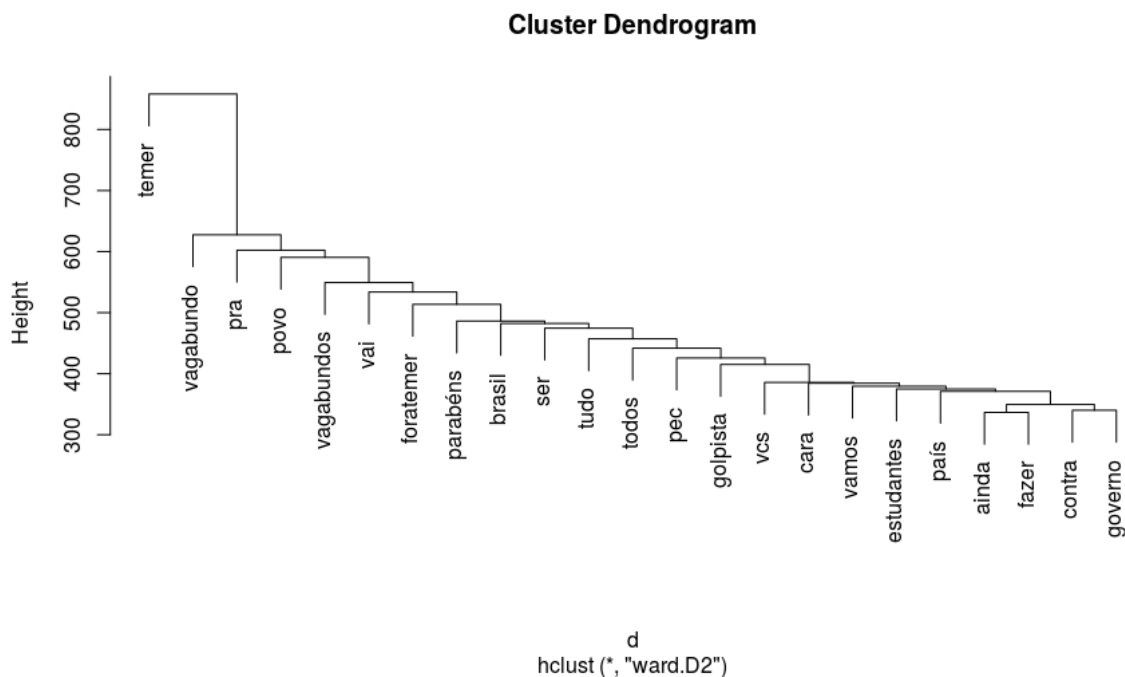
Fonte: Elaboração dos autores

Figura 5 - Clusterização hierárquica de postagens de páginas de esquerda



Fonte: Elaboração dos autores

Figura 6 - Clusterização hierárquica de comentários nas postagens de páginas de esquerda



Fonte: Elaboração dos autores

Os dendogramas corroboram os achados a partir das nuvens de palavras mas permitem algum aprofundamento. É possível perceber no dendograma das postagens de páginas de direita, além das alusões às “10 medidas contra a corrupção” e ao senador Renan Calheiros, convites para participações em manifestações na rua (vide palavras “amigos”, “convide”, “confirme”, “presença”, e o próprio nome de uma das páginas, “vem pra rua”). Alusões à operação “lava jato” e vozes de prisão ao ex-presidente Lula continuam presentes nas páginas. O dendograma dos comentários é bastante parecido embora tenha *clusters* menos definidos do que o primeiro. Isso se justifica devido a um maior número de comentário vindo de usuários diversificados. Traz alusões à figura do juiz Sérgio Moro e mais palavras de convites a manifestações nas ruas.

O dendograma das postagens de páginas de esquerda, por sua vez, traz quase todas as palavras relacionadas às ocupações estudantis contra a PEC. O dendograma dos comentários possui palavras parecidas mas sua estrutura é diferente indicando um discurso mais coeso ao longo dos comentários nessas páginas. A grande maioria dos comentários parece estar relacionado ao presidente Michel Temer.

5.3 Repercussão da PEC 55 no Twitter

A partir dos dados coletados no Twitter, fizemos uma análise exploratória dos *tweets* visando identificar principais palavras-chaves mobilizadas pelos usuários, principais assuntos e polarização de sentimentos.

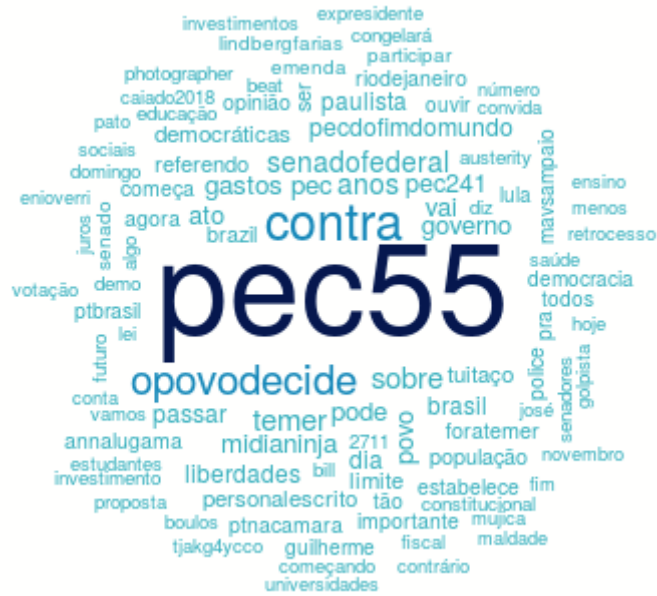
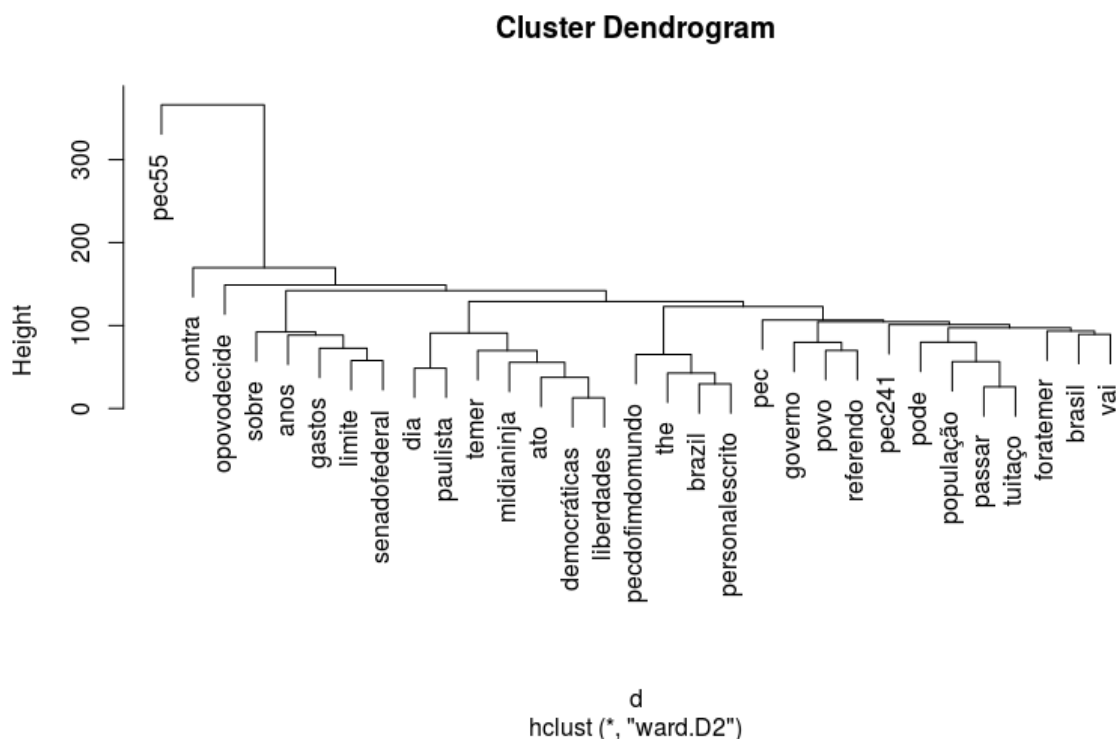


Figura 7 - nuvem de palavras dos tweets
 Fonte: Elaboração dos autores

É possível perceber na nuvem que os termos mais recorrentes além do termo chave da busca são “contra” e “opovodecide”. Essas expressões parecem denotar uma reação negativa à PEC 55. O dendograma abaixo nos leva a confirmar esse entendimento:



Como foi visto, a literatura têm mostrado como as tecnologias e mídias sociais tem sido usado como uma arena de disputa política (SANTIAGO, VON BÜLOW, DIAS & GOMES). Esse espaço possui dados em abundância com relativa facilidade de acesso para análise. Entretanto, há algumas limitações, sobretudo com relação à representatividade dos dados. Além dos problemas citados anteriormente, dados do tipo *big data* não possuem nenhum plano de amostragem e normalmente contém uma grande parcela de viés. Contudo, tentamos minimizar esse efeito escolhendo páginas as mais representativas quanto possível de ambos os posicionamentos políticos abordados.

Além disso, neste trabalho não foi possível analisar mais profundamente o conteúdo das páginas e tweets e suas narrativas. Assim, uma próxima etapa a ser cumprida será uma análise qualitativa desse material, a fim de verificar com mais profundidade as estratégias e repertórios das linguagens utilizadas pelos grupos. Dessa forma também será possível verificar as diferenças de abordagens entre as próprias páginas da direita e as da esquerda.

Acreditamos que, pesquisas em big data serão cada vez mais utilizadas nos estudos sobre política. O desenvolvimento de modelos preditivos mais robustos, bem como discussões éticas e epistemológicas darão a tônica das pesquisas na área nos próximos anos. Trata-se de um imenso campo a ser desbravado.

REFERÊNCIAS

AVRITZER, L. Participation in democratic Brazil: from popular hegemony and innovation to middle-class protest. *Opinião Pública*. Vol. 23 43-59, 2017

BENNETT, W. Lance and SEGERBERG, Alexandra. *The Logic of Connective Action: Digital Media and the personalization of Contentious Politics*. Cambridge. New York, 2013.

BENNETT, W. Lance and TOFT, Amoshaun. Identity, technology and narratives: transnational activism and social networks. In: *The Routledge Handbook of Internet Politics*. New York: Routledge, 2010.

BIMBER, Bruce; STOHL, Cynthia and FLANAGIN, Andrew. Technological change and the shifting nature of political organization. In: CHADWICK, A. and HOWARD, P. *The Routledge Handbook of Internet Politics*. New York: Routledge, 2009.

CARDON, Dominique. *A Democracia Internet. Promessas e Limites*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

CASTELLS, M. Redes de indignação e esperança: Movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013

COTÉ, Mark; GERBAUDO, Paolo; PYBUS, Jennifer (2016). Introduction. Politics of Big Data. **Digital Culture & Society**, v. 2, n. 2, p. 5-16.

COTTLE, Simon. Reporting demonstrations: the changing media politics of dissent. Media Culture Society. Sage, 2008.

DALBERG, Lincoln; SIAPER, Eugenia. Introduction: Tracing Radical Democracy and Internet. In: DALBERG, Lincoln and SIAPER, Eugenia. Radical. Democracy and

EARL, Jennifer e KIMPORT, Katrina. Digitally Enabled Social Change. Massachusetts: The MIT Press, 2011.

GERBAUDO, P. Social media teams as digital vanguards: the question of leadership in the management of key Facebook and Twitter accounts of Occupy Wall Street, Indignados and UK Uncut, **Information, Communication & Society**, 2016a.

GERBAUDO, P. . From Data Analytics to Data Hermeneutics. Online Political Discussions, Digital Methods and the Continuing Relevance of Interpretive Approaches. **Digital Culture & Society**, 2016b.

HANSEN, J.; FERREIRA, M.A.S. Da polarização à busca pelo equilíbrio: as relações entre internet e participação política. *no prelo*

FERREIRA, Maria Alice Silveira. **#BHNASRUAS: uma análise do confronto político contemporâneo a partir de páginas do Facebook**. Dissertação de mestrado, 2015.

HASTIE, Trevor; TIBSHIRANI, Robert; FRIEDMAN, Jerome (2001). **The elements of statistical learning**. Berlin: Springer. Disponível em <<http://statweb.stanford.edu/~tibs/ElemStatLearn/>>, acesso em 13 jan 2017.

JAMES, Gareth et al (2013). **An introduction to statistical learning**. New York: Springer. Disponível em <<http://www-bcf.usc.edu/~gareth/ISL/>>, acesso em 13 jan 2017.

JOCKERS, Matthew L (2015). **Syuzhet: Extract Sentiment and Plot Arcs from Text**. Disponível em <<https://github.com/mjockers/syuzhet>>, acesso em 13 jan 2017.

LACZKO, Frank; RANGO, Marzia (2014). Can Big Data help us achieve a “migration data revolution”? **Migration Policy Practice**, v. 4, n. 2, p. 20-29, april-june

LAZER, David et al (2014). The parable of Google Flu: traps in big data analysis. **Science**, v. 343, n. 6176, p. 1203-1205.

LIU, Bing; HU, Mingqing; CHENG, Junsheng (2005). Opinion observer: analyzing and comparing opinions on the web. In: **Proceedings of the 14th international conference on World Wide Web**. ACM, p. 342-351.

- MALINI, Fábio. ANTOUN, Henrique. @internet e #rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- MENDONÇA, Ricardo Fabrino. Singularidade e identidade nas manifestações de 2013. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil*, n. 66, p. 130-159, abr. 2017.
- MILAN, S. (2015). When Algorithms Shape Collective Action: Social Media and the Dynamics of Cloud Protesting. *Social Media + Society*. <https://doi.org/10.1177/2056305115622481>
- MILAN, S., & VELDEN, L. Van Der. (2016). The alternative epistemologies of data activism. *Digital Culture & Society*, 2(2), 57–74. <https://doi.org/10.14361/dcs-2016-0205>
- MOHAMMAD, Saif M.; TURNEY, Peter D (2010). Emotions evoked by common words and phrases: Using Mechanical Turk to create an emotion lexicon. In: **Proceedings of the NAACL HLT 2010 workshop on computational approaches to analysis and generation of emotion in text**. Association for Computational Linguistics. p. 26-34.
- MURTAGH, Fionn; LEGENDRE, Pierre (2014). Ward's hierarchical agglomerative clustering method: Which algorithms implement ward's criterion?. **Journal of Classification**, v. 31, n. 3, p. 274-295.
- NIELSEN, Finn Årup (2011). A new ANEW: Evaluation of a word list for sentiment analysis in microblogs. **arXiv preprint arXiv:1103.2903**.
- PAK, Alexander; PAROUBEK, Patrick (2010). Twitter as a Corpus for Sentiment Analysis and Opinion Mining. In: **LREc**. Disponível em <<http://crowdsourcing-class.org/assignments/downloads/pak-paroubek.pdf>>. Acesso em 26 fev 2017.
- PEREIRA, M.A.G. Cyberativismo e democracia: Movimentos sociais e novos repertórios de acção. Tese de doutorado, 2008.
- PEREIRA, M. A. Internet e mobilização política – os movimentos sociais na era digital. In: *Revista Teoria e Sociedade*, 2011.
- POLLETA, F. It was like a fever: Storytelling in Protest and Politics. The University of Chicago Press, 2006.
- R CORE TEAM (2016). **R: A language and environment for statistical computing**. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria. Disponível em <<https://www.R-project.org/>>.
- RIEDER, Bernhard (2013). Studying Facebook via data extraction: the Netvizz application. In: **WebSci '13 Proceedings of the 5th Annual ACM Web Science Conference** (pp. 346-355). New York: ACM. Disponível em <http://rieder.polsys.net/files/rieder_websci.pdf>.
- SAVAZONI, R.; MACHADO, M e SILVEIRA, S. A. AS MÚLTIPLAS FACES DOS ANONYMOUS: hacking político nas redes digitais. Trabalho apresentado no 36º Encontro Anual da Anpocs. Caxambu, 2012.

SANTIAGO,A.;VON BÜLOW, M.;DIAS, T.S; GOMES, A.Impeachment ou Golpe? Disputas por Significados no Twitter. Trabalho apresentado no III Encontro Internacional Participação, Democracia e Políticas Públicas: Vitória/ES, 2017

STEVENSON, William J. (1981). **Estatística Aplicada à Administração**. São Paulo: HARBRA.

TARROW, Sidney. O poder em movimento: movimentos sociais e confronto político. Petrópolis/RJ:Vozes, 2009.

TARROW, Sidney. Repertoires of Contentious Language. In: The Language of Contention. Revolution in Words, 1688-2012. Cambridge University Press, 2013.

TILLY, Charles. Claims of Performances. In: Contentious Performances. New York: Cambridge University Press, 2008.

TRERÉ, Emiliano. Social Movements as Information Ecologies: Exploring the Coevolution of Multiple Internet Technologies for Activism. *International Journal of Communication* 6, 2012.

TRERÉ, E. The Dark Side of Digital Politics: Understanding the Algorithmic Manufacturing of Consent and the Hindering of Online Dissidence. *IDS Bulletin*: vol. 47 No. 1 January: ‘Opening Governance’, 2016a

TRERÉ, E. Technopolitical Biases: Algorithmic Repression and Resistance of Citizen Activism in the Age of Big Data Distorsiones tecnopolíticas: represión y resistencia algrótmica del activismo ciudadano en la era del “ big data ”. *Trípodos*, n. 30, 2016b

TRERÉ, E.. Reclaiming, proclaiming, and maintaining collective identity in the #YoSoy132 movement in Mexico: an examination of digital frontstage and backstage activism through social media and instant messaging platforms. *Information Communication and Society*, 18(8), 901–915, 2015. <https://doi.org/10.1080/1369118X.2015.1043744>